

Experiência de assessoria como mecanismo de fortalecimento da economia solidária

Consultants experience as strengthening mechanism of solidarity economy

RESUMO

O trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de assessoria aos Grupos de Mulheres de Batatan e Bom Gosto, comunidades rurais situadas, respectivamente, nos municípios de Maragogipe e São Felipe, Bahia, Brasil. A abordagem do trabalho envolve o processo de incubação e assessoria desenvolvido pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (INCUBA/UFRB). Trata-se de uma experiência pautada na economia solidária, na qual predomina o uso de metodologias participativas, tendo como base a perspectiva freireana de educação como prática da liberdade. O intuito é contribuir para o desenvolvimento, o empoderamento e a geração de trabalho, renda e inclusão social de grupos formados exclusivamente por mulheres. O trabalho conclui que a forma como acontece o acompanhamento caracteriza-se como uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos assessorados, principalmente, de empoderamento das mulheres da agricultura familiar, na perspectiva de contribuir para o seu grau de autonomia e independência. Assim, é importante enfatizar nas metodologias a relevância do incentivo à participação, o envolvimento dos grupos de mulheres e a promoção de empoderamento, considerando que a garantia de continuidade e autonomia do trabalho depende das iniciativas das próprias mulheres.

Palavras-chave: Incubação. Metodologia participativa. Desenvolvimento comunitário.

ABSTRACT

This paper aims to present the experience of the Grupo de Mulheres de Batatan e Bom Gosto (Batatan and Bom Gosto Women's Group), rural communities located in the municipalities of Maragogipe and São Felipe, state of Bahia, Brazil. This study approaches the incubation and advisory services process developed by the Incubadora de Empreendimentos Solidários (Solidary Enterprise Incubator) of the Federal University of Recôncavo da Bahia (INCUBA/UFRB). This is an advisory experience guided by an element of solidarity econo-

Geusa da Purificação Pereira

Mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, bolsista CAPES (geusapereira@hotmail.com).

Marcelo Leles Romarco de Oliveira

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; professor do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (marcelo.romarco@ufv.br).

Tatiana Ribeiro Velloso

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; professora do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; coordenadora do Núcleo da Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCUBA/UFRB) da Rede UNITRABALHO (tatiana@ufrb.edu.br).

Marcia Campos Gomes

Mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, bolsista da FAPEAM (marcia.gomes@ufv.br).

my, in which predominated a use of participatory methodologies. It was based on the perspective of Freire's education as a practice of freedom, in order to contribute to the development, empowerment and the generation of employment, income and social inclusion of the groups formed only by women. We conclude that the process of monitoring is characterized as an important tool for the development of assisted, especially the empowerment of the women, since the methodologies will influence on the degree of autonomy and independence.

¹ Entende-se por empreendimentos solidários ou de economia solidária uma forma de organização suprafamiliar, formalizada ou não, de caráter permanente, na qual um grupo de pessoas se organizam para produzir, comercializar ou consumir, de modo coletivo e autogestionário, visando o benefício e o desenvolvimento coletivo, com gestão participativa e democrática.

Keywords: Incubation. Participatory methodology. Community development.

INTRODUÇÃO

As atividades de assessoria são importantes ferramentas para as agricultoras familiares e seus empreendimentos solidários¹, visto que objetivam auxiliá-las na conquista de melhores espaços na sociedade. A forma como essas assessorias acontecem refletirão no desempenho futuro dos sujeitos e dos empreendimentos, por isso é de suma importância que aconteçam pautadas em variáveis que possam contribuir para a emancipação das pessoas envolvidas, principalmente das mulheres.

Assim, a forma como ocorre a prática das ações de assessoria, bem como as metodologias de trabalho adotadas, influenciará no grau de autonomia e desenvolvimento dos grupos e sujeitos envolvidos. Desse modo, é necessário que no processo de trabalho sejam utilizadas ações que contemplem a participação coletiva, com enfoque no desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, indispensáveis para a realização e o fortalecimento de suas próprias atividades.

No que tange aos empreendimentos de economia solidária, é preciso atenção, considerando as especificidades desse modelo organizativo, pois, diferentemente dos modelos convencionais, esses empreendimentos baseiam-se em uma lógica de organização coletiva de cunho solidário, no qual o desenvolvimento é pleiteado para todo o coletivo envolvido. Distingui-se também pela integração entre trabalho e capital, planejamento e execução e, principalmente, pela distribuição das riquezas produzidas proporcionalmente a sua geração.

Esse modelo de organização objetiva contribuir para o desenvolvimento das pessoas, principalmente daquelas que estão mais distantes do modelo capitalista vigente. Sendo assim, a assessoria aos empreendimentos de economia solidária, além de tentar contribuir para o desenvolvimento de potencialidades dos grupos, também deve prezar pela sustentabilidade e sobrevivência desses grupos após o acompanhamento, para que assim possam, gradativamente, fortalecer e propagar essa forma organizativa, enquanto modelo viável, possível e necessário em uma sociedade tão desigual.

É necessário que no processo de acompanhamento aos empreendimentos da economia solidária ou de grupos comunitários haja a preocupação constante de se criar mecanismos que contribuam para o desenvolvimento da autonomia, haja vista que essa atividade não acontecerá *ad eternum*, mas em um determinado tempo, após o qual é importante que os assistidos sejam capazes de desenvolver sozinhos aquilo que necessitam, sem que haja uma dependência constante e paternalista, o qual não deve ser o propósito da assessoria, nem o desejo dos assessorados.

Na economia solidária a assessoria deve basear-se em metodologias inclusivas e participativas, buscando contribuir para a redução das desigualdades, precariedades e ausências enfrentadas por grande parte da população, em especial e, principalmente, das populações carentes, marginalizadas e periféricas em zonas rurais, para as quais o acesso a bens e serviços são mais dificultado, sendo, portanto, necessário pensar em alternativas que possam contribuir para equidade e inclusão social.

Desse modo, é tarefa da assessoria contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento das potencialidades dos assessorados, criando uma relação de liberdade e autonomia e não uma relação de dependência, facilitando e impulsionando a ação independente dos grupos no desenvolvimento de seu trabalho.

Freire (1979) diz que quando as pessoas se sentem individualmente mais livres, e, se esse sentimento não for um sentimento social e as pessoas não forem capazes de usar sua liberdade para ajudar os outros a se libertarem por meio da transformação da sociedade, elas estarão exercitando apenas uma atitude individualista no sentido do empoderamento ou da liberdade.

Diante disso, o sentido em que o termo empoderamento será empregado neste trabalho será o utilizado por Delgado (2003), que o define como um processo social pelo qual as pessoas, as comunidades e as organizações transformam seus recursos em ativos de capital, colocando-se, assim, numa posição de poder capaz de mudar sua relação com os mercados, com o Estado e a sociedade civil.

O empoderamento é um exercício que não é levado pela assessoria, mas que está no decorrer de suas atividades para que o grupo e as pessoas que o compõem apoderem-se de ferramentas e conhecimentos que contribuirão para a sua emancipação e seu desenvolvimento, corroborando, assim, com Delgado (2003) quando afirma que ninguém empodera ninguém.

Nesse sentido, a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (INCUBA/UFRB), no processo de incubação e assessoria aos Grupos de Mulheres de Batatan e Bom Gosto, buscou realizá-lo de modo participativo e dialógico, pautando-se na metodologia freireana de educação como prática da liberdade, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos grupos, seu empoderamento, o exercício da autonomia e o fortalecimento das atividades. Essas atividades de assessoria foram articuladas com as atividades de ensino, pesquisa e extensão e atuaram como estratégias de geração de conhecimento e espaços voltados para a formação acadêmica implicada com o desenvolvimento territorial.

Portanto, o presente trabalho busca apresentar a experiência de assessoria e capacitação no processo de concorrência à chamada pública realizada pela UFRB para ocupação das cantinas do campus de Cruz das Almas, bem como a preparação para o início dessas atividades e o acompanhamento posterior no desenvolvimento das atividades. No decorrer do texto, será apresentada a metodologia de trabalho utilizada no acompanhamento, as dificuldades e os resultados alcançados nesse processo, sistematizados no período de 2010 a 2013.

Economia solidária e processos de incubação

Diante do contexto de desigualdade e exclusão em que estão envolvidos uma grande parte da população brasileira, a economia solidária

surge como movimento de contraposição ao modelo capitalista e às desigualdades sociais existentes.

Embora o termo economia solidária tenha sido incorporado muito recentemente ao vocabulário nacional, principalmente a partir da década de 1990 (no entanto, muitas pessoas ainda desconhecem esse termo e seu significado), essa prática compreende ações que, desde os primórdios da humanidade, já eram desenvolvidas entre os povos.

De acordo com o Ministério de Trabalho e Emprego (2014), a economia solidária compreende um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão, tendo como características principais a cooperação, a autogestão, a solidariedade e a dimensão econômica. Nesse sentido, a economia solidária pode ser definida como um modelo de produção caracterizado pela igualdade de direitos, posse coletiva dos meios de produção, gestão democrática do negócio, cooperação e solidariedade, e se apresenta como uma importante resposta dos trabalhadores e trabalhadoras em favor da inclusão social e em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho.

Desse modo, nas ações de economia solidária, espera-se que não haja a exploração entre as pessoas que compõem os empreendimentos, tendo em vista que o objetivo é contribuir para o desenvolvimento da coletividade envolvida, em vez de pessoas isoladas. Para tanto, é necessário que haja interação, cooperação, solidariedade e ajuda mútua entre os envolvidos para, assim, fortalecer essa ação.

Os empreendimentos de economia solidária precisam, em sua grande maioria, de instituições e pessoas que possam auxiliá-los em seus processos de trabalho, já que em muitos casos esses empreendimentos possuem dificuldades de acesso à informação, ou até mesmo de conhecimento sobre as organizações solidárias, o que dificulta o acesso a determinados bens, serviços e projetos. Uma importante ação, nesse sentido, é desenvolvida pelas incubadoras populares. Essas organizações surgem dentro das universidades e constituem importante mecanismo de extensão universitária.

A primeira experiência de constituição de uma incubadora surge no Rio de Janeiro, em 1995, denominada Incubadora Tecnológica de

Cooperativas Populares (ITCP), com a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE/UFRJ). Essa iniciativa tinha como objetivos iniciais apoiar a organização das comunidades, assessorando-as no desenvolvimento de projetos políticos, sociais e econômicos articulados em torno da constituição de cooperativas populares (INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2010). A partir do sucesso e do reconhecimento dessa primeira iniciativa, as entidades patrocinadoras, envolvendo além da COPPE, a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), o Comitê de Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida (COEP), a Fundação Banco do Brasil (FBB) e a Comunidade Solidária lançam, em 1998, o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas (PRONINC), ampliando a criação de incubadoras em outros estados do país (ALMEIDA, 2002 apud INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL, 2010).

As incubadoras são localizadas nas universidades e possuem como objetivo desenvolver trabalhos de extensão, a fim de fortalecer os empreendimentos assessorados. Essas ações constituem importantes mecanismos de auxílio aos empreendimentos, sobretudo no contexto de empreendimentos solidários, onde geralmente o acesso a recursos que custeiam uma assessoria são escassos.

Para Culti (2007), as incubadoras são

espaços que agregam professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, bem como programas internos existentes nas universidades para desenvolverem pesquisas teóricas e empíricas sobre a economia solidária, além das atividades de incubação de empreendimentos econômicos solidários, com o objetivo de atender trabalhadores que tencionam organizar seus próprios empreendimentos sejam cooperativas, associações ou empresas autogestionárias, urbanas ou rurais. (CULTI, 2007, p. 5).

Assim, as incubadoras desempenham um papel importante na medida que se tornam espaços de troca de experiências em autogestão e autodeterminação na consolidação dos empreendimentos. São

importantes espaços de construção de tecnologias sociais voltados para a geração de trabalho e renda.

A ação de incubação compreende três estágios distintos: pré-incubação (momento onde são realizados os primeiros contatos com os grupos); incubação (estágio no qual são realizadas as atividades em si: capacitações, oficinas, cursos, entre outros) e desincubação ou graduação (momento que compreende o afastamento da assessoria, com o intuito de contribuir para a autonomia do grupo incubado). Cada uma dessas fases é indispensável à adequação das metodologias e dos processos de trabalho e ao desenvolvimento dos grupos.

Além das incubadoras vinculadas a ITCP, existem também as incubadoras vinculadas a Rede da Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (UNITRABALHO). A Rede UNITRABALHO foi criada em 1996 e se organiza em núcleos/incubadoras universitárias, vinculadas à assessoria e à geração de conhecimento voltados aos trabalhadores, e estão distribuídas em diversas universidades do país. As incubadoras vinculadas à UNITRABALHO contribuem na organização, formação, orientação, geração de conhecimentos e acompanhamentos, visando à formação acadêmica, técnica e administrativa e à melhoria dos empreendimentos coletivos (CULTI, 2007).

Tendo como ponto de partida a experiência da Rede UNITRABALHO, a INCUBA/UFRB é criada em 2007. Seu objetivo é contribuir para a promoção e o fortalecimento de empreendimentos solidários, a partir de atividades estruturantes voltadas para a geração de trabalho, renda e cidadania no contexto do desenvolvimento territorial, a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária.

A metodologia das atividades desenvolvidas pela INCUBA/UFRB tem como referência os princípios de promoção da autogestão, fortalecendo a formação de sujeitos no processo de decisão, a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Essas atividades consideram que a universidade é um sujeito que pode contribuir e ter contribuição no processo de geração de conhecimentos, implicados com a transformação social.

Sediada no campus sede da UFRB em Cruz das Almas, no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB), com articulação

nos demais campus da UFRB²: Cruz das Almas – Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC); Cachoeira – Centro de Artes, Humanidades e Letras (CHAL); Amargosa – Centro de Formação de Professores (CFP); e Santo Antonio de Jesus – Centro de Ciências da Saúde (CCS). Essa articulação é característica intrínseca da própria UFRB, com a sua articulação na multicampia e interdisciplinariedade.

² Atualmente a UFRB é composta de seis campus, sendo dois deles criados no ano de 2014, localizados nos municípios baianos de Feira de Santana (Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade) e Santo Amaro (Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas).

No município de Cruz das Almas, situa-se a coordenação geral e, nos demais, existem professores coordenadores que, juntamente com uma equipe constituída por outros professores e alunos de diferentes áreas, desenvolvem suas atividades com os grupos e comunidades. Essa articulação ocorre por área de conhecimento e, nas ações de assessoria e de desenvolvimento das atividades de extensão e de pesquisa universitária, há interação e composição a partir dos estágios organizacionais dos empreendimentos e suas demandas. Essas atividades são articuladas com os estágios obrigatórios e não obrigatórios, desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso e projetos de ensino da UFRB.

A criação da INCUBA/UFRB representou um importante marco para a região e com assessoria aos grupos do Recôncavo da Bahia, Portal do Sertão, Baixo Sul e Sisal, dentre os quais os Grupos de Mulheres de Batatan e Bom Gosto, em estudo nesse trabalho.

Experiência de trabalho com os grupos e etapas da incubação

Os grupos de mulheres de Batatan e Bom Gosto foram integrados e constituídos por 29 mulheres agricultoras familiares dessas comunidades, situadas, respectivamente, na zona rural dos municípios baianos de Maragogipe e São Felipe. Esses grupos desenvolvem atividade de produção de alimentos, tendo como principal matéria prima a mandioca e o inhame, que são processados na casa de farinha, localizada na comunidade de Bom Gosto. Além disso, os grupos fazem parte da Cooperativa dos Agricultores Familiares do Território do Recôncavo da Bahia (COOAFATRE), uma condição colocada na chamada pública.

As comunidades possuem como característica a presença marcante da

agricultura familiar, com predomínio de minifúndios em sua estrutura agrária, o que tem dificultado a inserção, principalmente de jovens e de mulheres, na geração de renda nas comunidades.

Além do trabalho na propriedade rural, havia, especificamente na comunidade de Bom Gosto, a produção precária e irregular de fogos de artifício, uma atividade perigosa e degradante em que as mulheres se submetem pela ausência de oportunidade de trabalho em outras áreas.

A dificuldade de inserção das mulheres na agricultura familiar e a necessidade de criação de alternativas viáveis a saída delas da atividade de produção de fogos de artifício fizeram com que a INCUBA/UFRB – unindo forças com as mulheres agricultoras integrantes dessa comunidade e com a Sociedade de Estudos dos Ecossistemas e Desenvolvimento Sustentável da Bahia (SEEDS) – desenvolvesse, em 2007, um trabalho de acompanhamento e construção de projetos com essa comunidade. Esse projeto foi iniciado a partir da demanda por alternativas de geração de trabalho e renda apresentado por essas mulheres em um Seminário Territorial promovido pelo Governo do Estado da Bahia por conta de catástrofes, ocorridas no Recôncavo da Bahia, envolvendo a produção irregular de fogos de artifício.

Esse contato inicial, que constitui o processo de pré-incubação, surgiu a partir de uma demanda e necessidade local, posto que a precariedade da atividade de fabricação de fogos de artifício representava um trabalho perigoso para a comunidade, colocando em risco a vida desses trabalhadores, além de gerar renda insatisfatória. Nessa fase, ocorreu a constituição do projeto inicial que originou todos os demais processos de acompanhamento ao empreendimento pela INCUBA/UFRB.

A partir da união dessas instituições com a comunidade, foi construído, em 2007, um projeto intitulado “Estruturação de Experiências Produtivas de Mulheres da Agricultura Familiar dos Territórios do Recôncavo da Bahia e Vale do Jequiçá”, que teve como objetivos promover a integração e o fortalecimento de experiências de mulheres da agricultura familiar, valorizando a diversificação da produção, o resgate do conhecimento tradicional, as relações de gênero equitativas e a construção de políticas públicas territoriais sustentáveis, e promover também a melhoria da qualidade de vida a partir de atividades estruturantes voltadas para a geração de renda e de cidadania. Esse projeto possibilitou a formação e a qualificação dos

dois grupos articulados de mulheres (VELLOSO, 2009).

Em 2008, a partir da articulação entre Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra- (CEDITER) e INCUBA/UFRB, foi construído o projeto “Transformando Vidas”, aprovado em edital público pela Fundação de Amparo a Pesquisa do estado da Bahia (FAPESB) em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia (SECTI) e a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE). O projeto teve como objetivo estruturar oportunidades de geração de trabalho e renda para mulheres dos municípios de Santo Antônio de Jesus, São Felipe e Maragogipe, articuladas no território do Recôncavo da Bahia, por meio da estruturação e da organização dos processos produtivos dos grupos, visando à valorização e à sustentabilidade de empreendimentos econômicos solidários na área de alimentação, sob a perspectiva de geração de renda e de prática produtiva que respeite as condições dignas de vida (VELLOSO, 2009).

Essa estruturação possibilitou o fortalecimento da experiência de trabalho com os grupos e a inserção produtiva de mulheres no contexto da economia solidária do território do Recôncavo da Bahia, contribuindo para a retirada de algumas delas da atividade perigosa de fabricação de fogos de artifício.

A forma organizativa dos Grupos de Mulheres de Batatan e Bom Gosto, constituiu-se em um exemplo de organização de economia solidária, no qual, a união das mulheres de ambos os grupos foi motivada por meio da união de forças e da busca por objetivos comuns que pudessem minimizar as dificuldades e os problemas enfrentados pelas comunidades. Essa união permitiu que o grupo fosse assessorado pela INCUBA/UFRB.

No decorrer da incubação, existe a possibilidade de geração de trabalho e renda para as mulheres, inclusive em mercados fora do âmbito local. Essa oportunidade surgiu em 2010, quando a UFRB abriu a chamada pública número 01/2010 para utilização do espaço das cantinas localizadas nos campi universitários de Cruz das Almas, Cachoeira, Santo Antônio de Jesus e Amargosa, considerando que os espaços das cantinas deveriam contar com estratégias de inclusão produtivas, possibilitando atividades de extensão, ensino e de pesquisa, a partir dos cursos existentes na instituição (Gestão de Cooperativas, Nutrição, Ciências Agrárias, Comunicação, entre outros).

Essa iniciativa possibilitou a essas mulheres uma atividade de comércio que poderia extrapolar o âmbito local. Assim, o acompanhamento e a assessoria passaram a ser realizados ainda mais de perto, com o objetivo de contribuir para que elas pudessem concorrer e conquistar a chamada, estando aptas ao exercício da função.

Durante todo o processo de trabalho estiveram envolvidos uma equipe multidisciplinar constituída por professores e alunos dos quatro campi já citados. A multicampia e a interdisciplinaridade da INCUBA/UFRB representou um importante aspecto para o desenvolvimento dos processos de trabalho, já que cada um dos campus abrange uma área específica, sendo, portanto, necessário no desenvolvimento de atividades que exigem especialidades de áreas distintas. Assim, por exemplo, para o desenvolvimento dos cursos sobre informações nutricionais havia o envolvimento de professores e alunos da nutrição do Centro de Ciências da Saúde (CCS); para o desenvolvimento de cursos de cooperativismo e associativismo, estavam envolvidos professores da gestão de cooperativas do Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas em Cruz das Almas. Enfim, cada centro, professor e aluno, de diferentes áreas, poderiam contribuir para que os processos de capacitações acontecessem de maneira mais adequada à realidade do grupo assessorado.

Durante o processo de acompanhamento foram realizadas as oficinas e as capacitações com os grupos na tentativa de desenvolver e aprimorar determinadas habilidades essenciais ao desenvolvimento das suas atividades. Foram realizadas capacitações em associativismo, cooperativismo, nas áreas de produção, formação de preços, gestão do negócio, viabilidade econômica, boas práticas e manipulação de alimentos, organização de escalas de trabalho, entre outras.

A realização desses cursos aconteceu em formatos de oficinas, reuniões e cursos semi-intensivos, desenvolvidos de modo participativo, procurando sempre incluir as mulheres agricultoras familiares nos processos e contando com o apoio da equipe multidisciplinar da INCUBA/UFRB.

As capacitações na área de associativismo constituíram uma importante ferramenta, sobretudo no contexto do desenvolvimento do trabalho em grupo, já que para pessoas que normalmente estavam habituadas a desenvolver suas ações individuais trabalhar de modo

coletivo representava um desafio, para o qual exige-se preparação e conhecimento sobre como funciona o trabalho e quais os benefícios do desenvolvimento dessa forma de atividade. Desse modo, as oficinas foram desenvolvidas com o intuito de que as pessoas envolvidas no processo pudessem entender e se preparar para o desenvolvimento dessa atividade.

Na parte produtiva, foi importante a realização de um curso intensivo com a participação de uma cozinheira especializada contratada pelo projeto para o desenvolvimento das ações de formação e capacitação das mulheres para a produção dos alimentos e também para o aprimoramento de habilidades daquelas que já cozinhavam. Essa foi uma das ações mais intensas e longas do processo, já que havia uma exigência maior para que as mulheres saíssem desse processo realmente aptas a produzirem alimentos de boa qualidade, podendo, assim, atender aos anseios e às expectativas do futuro público.

Nessas oficinas, as mulheres aprenderam a produzir alimentos a partir da matéria prima local, sobretudo o inhame e a mandioca, e também uma variedade de outros produtos, incluindo a fabricação de doces, salgados, refeições, entre outros.

Além da produção, foram realizadas oficinas de boas práticas e manipulação de alimentos, a fim de contribuir para o desenvolvimento adequado das atividades, pois se produzidos ou manipulados de forma inadequada, esses alimentos podem causar danos às pessoas que os consomem, bem como a quem os produz e fornece. Essas oficinas foram desenvolvidas antes do ingresso nas cantinas e também sempre que necessário ou solicitado pelas mulheres.

Diante do desafio de desenvolver uma atividade coletiva dentro de um modelo organizacional que era novidade para as mulheres envolvidas, a gestão de negócio representava uma temática indispensável e precisou ser cuidadosamente pensada e planejada. Para isso, foram desenvolvidas oficinas de gestão de negócio, nas quais estavam envolvidas ações de formação de preços, estudo de viabilidade econômica e de ferramentas necessárias à gestão e à manutenção do empreendimento.

No decorrer das capacitações que aconteceram de forma intensa durante o período que antecedeu a chamada pública e continuou após a chamada de forma mais pontual, com o objetivo de contribuir

para que as mulheres aprimorassem a cada dia o seu trabalho, houve a preocupação de que todas elas participassem de cada uma das oficinas desenvolvidas. No entanto, na área contábil, foi necessário o recrutamento de mulheres com maior habilidade numérica ou maior nível de escolaridade.

Além da parte organizacional, os grupos contaram com o acompanhamento da assessoria na busca por um espaço de produção adequado que estivesse de acordo com as exigências do edital e da comissão de vigilância sanitária, já que, naquele momento, não existia uma unidade própria de beneficiamento localizada na comunidade e que estivesse de acordo com as especificidades do edital de chamada pública. Nesse processo, houve o cuidado de inserir as próprias mulheres na busca, acompanhadas da assessoria, para identificar as condições ideais do espaço.

Com o resultado da aprovação do edital, os grupos assumiram, em outubro de 2010, as três cantinas situadas no campus de Cruz das Almas. Para realização das atividades nesse período alugou-se uma casa para atender às condições exigidas pelo edital para a produção no município.

Inicialmente, foram diversas as dificuldades encontradas, a começar pela inserção dessas mulheres em um cenário diferente do que elas estavam habituadas, além do desafio de conseguir integrar todo o grupo no processo de trabalho. Para solucionar tais dificuldades foram realizadas diversas oficinas a fim de inserir as mulheres no novo espaço, já que elas estariam trabalhando diretamente com um público ao qual não estavam acostumadas, um público exigente e muitas vezes difícil de lidar, por se tratar principalmente de estudantes.

Para integrar todas as mulheres no processo de trabalho, foi construída uma metodologia de escalas, em que cada uma colocou sua disponibilidade de participação no trabalho. Assim, a cada semana, metade das mulheres desenvolvia suas atividades nas cantinas no município de Cruz das Almas, enquanto as demais ficavam na zona rural em suas atividades no campo, revezando na semana seguinte. A divisão por escalas foi importante para que todas pudessem ingressar no processo de trabalho, além de permitir que elas conciliassem as atividades rurais com o novo espaço, haja vista que este era um espaço onde elas também venderiam os produtos que retiravam de suas

propriedades. Conciliando-se as atividades, evitava-se o abandono da agricultura familiar, atividade principal das mulheres.

Além da dificuldade de inclusão no novo cenário, inicialmente, também houve o problema da renda, dado que, nos meses iniciais do trabalho nas cantinas, a renda gerada não foi suficiente para remunerar as mulheres da forma como elas haviam planejado. Além disso, houve também a dificuldade de adaptação ao modelo de trabalho desenvolvido e os conflitos internos, que muitas vezes exigiam a presença da assessoria na mediação.

Tais dificuldades foram fatores que acabaram desestimulando algumas mulheres e gerando algumas desistências durante o processo, no entanto, isso não se tornou um fator limitante ao desenvolvimento do trabalho, pois à medida que uma desistia, outras mulheres da comunidade interessadas eram integradas ao grupo e ao processo de trabalho após aprovação do grupo inicial. Contudo, o ingresso de novas mulheres no decorrer do processo criava um problema de adaptação ao modelo, já que essas mulheres não haviam passado pelas capacitações iniciais e, desse modo, não conheciam ou não se adequavam à forma de trabalho coletivo. Com isso, mesmo depois do ingresso das mulheres na atividade das cantinas, havia a necessidade de capacitações constantes para instruir aquelas que estavam entrando e relembrar os conteúdos trabalhados com as mulheres do grupo inicial.

Buscou-se realizar o acompanhamento aos grupos de modo interativo, participativo e dialógico, objetivando o empoderamento e a autonomia dos grupos e a valorização da interação entre saber popular e saber técnico/científico, pois cada representante tinha muito a ensinar à medida que aprendia. Assim, não cabia a assessoria agir como detentores do saber, mas empenhar-se na busca de uma extensão dialógica e na construção de uma educação libertadora, conforme a metodologia freiriana, estabelecendo, assim, uma relação de parceria entre as mulheres e a assessoria.

Em 2013, iniciou-se a construção do espaço de produção na comunidade de Bom Gosto a partir do projeto aprovado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) para a construção da cozinha comunitária, o que virá contribuir para o aumento e a qualidade dos produtos. O projeto de construção da cozinha foi elaborado conjuntamente pela assessoria da INCUBA/

UFRB e as mulheres dos grupos, a partir das especificações da Vigilância Sanitária do município de São Felipe-BA.

Nos quase quatro anos em que os grupos vêm realizando essa atividade, desde que conquistaram a chamada pública, eles contam com o apoio e o acompanhamento da assessoria que continua realizando cursos por meio da INCUBA/UFRB de maneira mais pontual quando comparados com o início do processo. Esse acompanhamento é fundamental para o desenvolvimento dos grupos, no entanto, em alguns momentos foi importante o afastamento da assessoria e de suas intervenções para estimular a autonomia dos grupos. Esse distanciamento constitui parte do processo de desincubação e é um desafio a sua execução.

Atualmente, as mulheres continuam desenvolvendo suas atividades nas cantinas, tomando decisões e aprimorando o desenvolvimento do seu trabalho com o acompanhamento pontual da INCUBA/UFRB. Esse acompanhamento é mais efetivo quando ocorre a entrada de novas integrantes e como forma de fortalecer o desenvolvimento de novas técnicas de produção de alimentos.

No que diz respeito ao trabalho com a produção de fogos de artifício, é possível notar que, a partir da inserção dessas mulheres na atividade das cantinas, elas não precisaram mais se submeter a esse trabalho, já que a cantina lhes garante uma renda suficiente para sanar despesas e manter suas famílias.

Esse novo cenário só foi possível graças a forma que o trabalho de assessoria foi desenvolvido, ou seja, garantindo que os grupos de mulheres tivessem autonomia em tomar as decisões necessárias para as definições de que elas acreditavam serem melhores para suas famílias. É importante destacar que essa autonomia sempre foi uma preocupação da assessoria, pois o objetivo do trabalho não era tornar o acompanhamento paternalista, mas sim auxiliar o grupo de mulheres até que o momento em que elas estivessem aptas a tomar suas próprias decisões.

Tendo em vista que os grupos possuem contrato de cinco anos, a conquista da autonomia pelo grupo é determinante na luta por novos espaços quando a chamada pública terminar, pois precisará conquistar novos mercados para que a ação continue gerando trabalho

e renda, por meio da comercialização dos produtos que aprenderam a fazer no decorrer das capacitações, bem como para que possam continuar trabalhando na unidade construída, evitando que esta fique subutilizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações das incubadoras universitárias desempenham um importante papel para o desenvolvimento de empreendimentos solidários, contribuindo no processo de acompanhamento, capacitação, empoderamento e geração de trabalho e renda. Portanto, a ação da assessoria é estratégica e importante para a autonomia e a independência dos grupos, e pode contribuir para geração de conhecimento, a partir do ensino e da extensão universitária implicados com o desenvolvimento territorial.

As ações de fortalecimento de experiências de empreendimentos solidários, especialmente aqueles formados por mulheres, além de atividades de assessoria, necessitam de políticas específicas como acesso ao crédito e aos espaços de comercialização institucionalizados.

Os empreendimentos de economia solidária, em sua maioria, têm o acesso ao capital como um fator limitante, o que dificulta que esses empreendimentos possam custear um processo de acompanhamento e assessoria por meio de uma instituição particular. Entretanto, as instituições de fomento à pesquisa, à extensão e ao desenvolvimento tecnológico têm propiciado oportunidades para garantir as ações das incubadoras, inclusive de estruturação física aos empreendimentos solidários, como foi observado nos editais que os grupos de mulheres da agricultura familiar tiveram acesso. Um acesso que só foi possível devido à assessoria da INCUBA/UFRB.

É importante enfatizar que a forma como são desenvolvidas as assessorias pode contribuir para a autonomia do empreendimento à medida que incentiva o envolvimento por parte dos assessorados, possibilitando que eles se apoderem de ferramentas, metodologias e conhecimentos compartilhados durante as capacitações, tendo, desse modo, subsídios que lhes permitam desenvolver suas atividades de forma mais autônoma e adequada no processo de desincubação.

Quando ferramentas, metodologias e atividades desenvolvidas possuem um cunho paternalista, ou seja, não incentivem a participação ou o desenvolvimento das potencialidades dos assessorados, dificilmente esses empreendimentos conseguirão sobreviver por muito tempo ao fim do processo de incubação.

As metodologias utilizadas pelas incubadoras possuem um cunho participativo, objetivando a sustentabilidade e o empoderamento dos sujeitos envolvidos. Essa é uma característica das incubadoras, que, além de primar pela autonomia dos grupos, precisam que eles sejam desvinculados em algum momento para que novos grupos possam ser atendidos, dado que há uma demanda significativa para a quantidade de incubadoras que os atendem.

Diante dessa perspectiva, a experiência de assessoria aos Grupos de Mulheres de Batatan e Bom Gosto no processo de concorrência da chamada pública e a oportunidade gerada pela UFRB esteve pautada na valorização, participação, envolvimento, diálogo e interação das mulheres durante os cursos, oficinas e em todo o acompanhamento. A experiência baseou-se em metodologias que procuraram integrar e envolver os grupos, com o intuito de contribuir para sua emancipação e autonomia, sobretudo, no momento da desincubação.

Considerando que o trabalho realizado pauta-se na perspectiva da economia solidária, o incentivo a participação, ao diálogo e envolvimento nos processos de acompanhamento, além de contribuir para o melhor desenvolvimento das atividades também teve o intuito de contribuir para o empoderamento e a não dependência constante do grupos, buscando, assim, evitar a dissolução quando eles não mais contarem com um acompanhamento, sendo que a forma como aconteceu a assessoria é reflexo do atual estágio do grupo, no que se refere à autonomia e capacidade de decisão.

Além da forma de condução das capacitações, buscou-se utilizar materiais didáticos práticos e acessíveis (papel, lápis, cartolina, targetas etc.), procurando integrar as mulheres no momento da realização das atividades de capacitação, bem como estimular a utilização desses materiais em suas reuniões, nos momentos em que a assessoria não participava.

Enfim, foi possível perceber que a participação e o envolvimento das

agricultoras no acompanhamento e desenvolvimento das atividades do processo de incubação contribuem para que as pessoas sintam-se parte dele e se apoderem daquilo por elas construído. A proposta contribuiu para a participação e o envolvimento dos sujeitos e, conseqüentemente, para a continuidade dos trabalhos na ausência constante da assessoria.

Vale ressaltar que no trabalho com essas mulheres há outras vertentes importantes que poderiam contribuir na compreensão de outras dimensões dessa experiência, mas que não foram aqui abordados, por não se constituir foco deste trabalho, como o acesso ao mercado institucional, as políticas públicas, a relação de gênero e a agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, R. V. Â. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099>> . Acesso em: 6 jun. 2014.

BECHARA, M. Extensão agrícola. In: FONSECA, M. T. L. **Extensão rural no Brasil: uma educação para o capital**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **O que é economia solidária**. Disponível em < http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>. Acesso em: 2 ago. 2014.

CULTI, M. N. Economia solidária: incubadoras universitárias e processo educativo. **PROPOSTA**, Rio de Janeiro, p. 17-22, abr. 2007.

DELGADO, N. G. Extensão e desenvolvimento local em busca da construção de um diálogo. **Desenvolvimento em questão**, Ijuí, v. 1, n. 1., p. 229-237, jan.- jun. 2003. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/20217/extensao-e-desenvolvimento-local--em-busca-da-construcao-de-um-dialogo/i/pt-br>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

FONSECA, M. T. L. **Extensão rural no Brasil: uma educação para o capital**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Incubação de cooperativas populares e de empreendimentos econômicos solidários**. Conhecimento Cidadania. São Paulo, 2010.

PEIXOTO, M. **Extensão rural no mundo e no Brasil**: descentralização, privatização e financiamento. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/agenda-legislativa/capitulo-4-extensao-rural-no-mundo-e-no-brasil-descentralizacao-privatizacao-e-financiamento>>. Acesso em: 29 maio 2014.

REDIM, E.; SILVEIRA, P. R. C. da. Extensão universitária e extensão rural: diferenças e desafios. **Vivências**, Erechim, v. 9, n. 16, p. 153-158, maio 2013.

RIRDC. Agricultural Extension: a decade of change. In: PEIXOTO, M. **Extensão rural no mundo e no Brasil**: descentralização, privatização e financiamento. Disponível em: < <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/agenda-legislativa/capitulo-4-extensao-rural-no-mundo-e-no-brasil-descentralizacao-privatizacao-e-financiamento>>. Acesso em: 29 maio 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Disponível em: <<http://ufrb.edu.br/agencia/administracao/1863-ufrb-realiza-chamada-publica-para-implantacao-de-cantinas>>. Acesso em: 31 maio 2014.

VELLOSO, T. R. et al. **Programa de Desenvolvimento Territorial Solidário** – PRODETES: estruturação e fortalecimento de empreendimentos de economia solidária do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas-BA: UFRB/ PROEXT – MEC, 2009.

Submetido em 23 de setembro de 2014.

Aprovado em 13 de fevereiro de 2015.